

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

REITOR

Alfredo Júlio Fernandes Neto

VICE-REITOR

Darizon Alves de Andrade

DIREÇÃO EDUFU

Humberto Guido

CONSELHO EDITORIAL

Daurea Abadia de Souza

Décio Gatti Júnior

Ernesto Sérgio Bertoldo

Gina Maira Barbosa de Oliveira

João Carlos Gabrielli Biffi

José Roberto Mineo

Márcio Chaves-Tannús

Rejane Maria Ghisolfi da Silva

Roberto Rosa

CORPO TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Gerlaine Araújo da Silva

Maria Amália Rocha

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Maria Clara Tomaz Machado

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer  
Vanda Cunha Albieri Nery

para entender as  
**Teorias da Comunicação**

2ª edição  
revista e atualizada



Editora da Universidade Federal de Uberlândia

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica - Bloco A - Sala 1A-01

Cep 38408-100 - Uberlândia - Minas Gerais

Tel: (34) 3239-4293

[www.edufu.ufu.br](http://www.edufu.ufu.br)

e-mail: [livraria@ufu.br](mailto:livraria@ufu.br)



2009

consumidores têm acesso aos produtos e podem decidir conforme seu gosto pessoal ou a segmentação a qual pertence.

Vários autores, no entanto, destacam a saturação de informações na sociedade pós-industrial e o entrelaçamento dos meios de comunicação de massa com outros aspectos da sociedade, que geram consequências como o consumismo e o hedonismo, a falta de originalidade e a fuga para realidades simuladas – a própria fuga da vida.

Também dentro da perspectiva das novas formas de sociabilidade merece destaque o trabalho de Roger Debray, que estabelece a correlação entre as atividades simbólicas – política, ideológica e cultural – e as formas de organização e os sistemas de autoridade que os modos de produção, arquivamento e transmissão de informação induzem (SANTAELLA, 2001, p. 66).

**Consumismo e Hedonismo:**

*Na sociedade industrializada, o consumo passa a ser o espaço para a diferenciação, para a construção da identidade/personalidade. A compulsão pelo consumo gera o hedonismo, ou individualismo exacerbado.*

## PARADIGMA LINGÜÍSTICO SEMIÓTICO

O Paradigma Lingüístico Semiótico tem como ponto de partida as teorias ligadas ao estudo da mensagem, procurando entender o seu conteúdo básico: o uso da língua e dos signos, sempre considerando que a linguagem gramatical, para a qual nosso pensamento automaticamente nos conduz, não é a única linguagem possível e que a própria vida humana é uma constante elaboração e re-elaboração de signos.

**Mensagem:**

*É a informação total comunicada quando um enunciado é utilizado em circunstâncias determinadas. Ou: é uma seqüência de signos organizados de acordo com regras de combinação prévia e que um emissor transmite a um receptor por meio de um canal. Quando conversamos, o discurso é a mensagem; quando sorrimos, a alteração característica da face é a mensagem. Assim, a mensagem pressupõe as operações de codificação e de decodificação. Num sentido mais amplo, mensagem é sinônimo de conteúdo: aquilo que é dito num texto, num discurso; o que "passa" de significativo na comunicação entre emissor e receptor.*

## Lingüística Estrutural

A pedra inicial dessa ciência foi lançada no início do século XX por Ferdinand de Saussure (1857-1913), lingüista suíço, no *Curso de Lingüística Geral*, ministrado, em três versões entre os anos de 1907 e 1911 na Universidade de Genebra, transformado em livro com base nas anotações de alguns alunos e publicado pela primeira vez em 1916.

Nesse curso, Saussure propôs a existência de uma ciência geral dos signos, da qual a Lingüística seria apenas uma parte. Chamou-a de Semiologia. Para ele, esta ciência faria parte da Psicologia Social, que, por sua vez, seria parte da Psicologia Geral:

**Lingüística:**

*Pode ser definida como um estudo científico da linguagem e das línguas naturais, estando a reflexão teórica sobre a linguagem concentrada na natureza, funcionamento e procedimentos de descrição das línguas naturais e alimentando-se ao mesmo tempo, dos resultados da análise dessas línguas (GREIMAS; COURTÉS, 1992).*

**Semiologia:**

*Designa a teoria da linguagem e suas aplicações a diferentes conjuntos significantes. Para Saussure, "é a ciência que estuda o signo dentro do contexto social no qual está inserido, ou seja, sua vida, seu desenvolvimento e seu significado social".*

Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral. Chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego

*seméion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos (SAUSSURE, 1978, p. 24, destaque do autor).

**Signo:**

*É qualquer coisa que signifique alguma coisa para alguém. Em princípio, tudo é signo. Entidade que pode tornar-se sensível para um grupo determinado de pessoas que o utilizam. O signo é sempre institucional, existe em um grupo delimitado - que pode ser inclusive de uma única pessoa - de usuários. Não existe signo fora da sociedade. O signo pode ser verbal ou não verbal: os sinais de trânsito, a marca gráfica de uma empresa, as bandeiras nacionais etc.*

**Linguagem:**

*É um sistema organizado de signos - não apenas verbais ou escritos, mas também visuais, fisionômicos, sonoros, gestuais etc. - que possibilita a comunicação. É um recurso utilizado pelo ser humano para se comunicar e estabelecer vínculos de tempo e tipos de relações que mantém. É a linguagem que torna possível a instituição social e o sistema de valores.*

Fica claro, então, que Saussure não chegou a desenvolver uma ciência semiológica. Ele apenas previu a necessidade dessa ciência dos signos, que tomaria emprestado da Linguística seus conceitos principais, mas da qual a própria Linguística não passaria de um departamento.

A essência da contribuição de Saussure para a semiótica é este seu projeto de uma teoria geral da linguagem e dos sistemas de signos, por meio dos quais se estabelece a comunicação entre os homens, que ele denominou de semiologia.

O aspecto ressaltado por Saussure é que o significado da mensagem não depende apenas das intenções de quem as transmite, mas das regras que constituem o código social.

Apesar de Saussure ter tratado exclusivamente da linguagem verbal, definindo como o objeto da Linguística a própria língua, Roland Barthes (1915-1980), principal nome da semiologia francesa, ao retomar os estudos de Saussure, em sua obra *Elementos de Semiologia*, alargou esse campo de abrangência, defendendo que:

[...] a Semiologia tem por objeto [...] qualquer sistema de signos, seja qual for a sua substância, sejam quais forem os seus limites: as imagens, os gestos, os sons melódicos, os objetos e os complexos dessas substâncias que se encontram nos ritos, protocolos ou espetáculos, se

não constituem linguagens, são, pelo menos, sistemas de significação (BARTHES, 1977, p. 11).

Um dos aspectos fundamentais da teoria saussureana do signo é a sua estrutura bilateral. O modelo sígnico bilateral compreende o signo e seus constituintes: o significante e o significado. Não é à-toa que Barthes ordena os elementos fundamentais do projeto saussureano em quatro grandes rubricas: língua e fala, significante e significado, sistema e sintagma e denotação e conotação.

O estudo da mídia vai centrar-se basicamente nas rubricas significante/significado e denotação/conotação.

### Língua x Fala

A separação entre língua e fala constitui a essência da análise lingüística - conceito central em Saussure - e constitui, certamente, uma grande novidade em relação à lingüística anterior, preocupada em procurar as causas da mudança histórica nos deslizamentos de pronúncia, nas associações espontâneas e na ação da analogia, e que era, por conseguinte, uma lingüística do ato individual.

Com Saussure surge a necessidade de distinguir entre o social e o individual, o essencial e o acessório. Ele entende a língua como um conjunto sistemático de convenções necessárias à comunicação, indiferente à matéria dos sinais que o compõem. A fala abrange a parte puramente individual da linguagem (fonação, realização das regras e combinações dos signos).

Talvez por entender a língua como um sistema pré-existente, uma instituição social que acumulou historicamente uma série de valores e a fala como um ato individual de utilização da língua, é que Saussure pre-

**Estrutura Bilateral:**

*Os conceitos advindos da Linguística Estrutural apresentam-se sempre de forma dicotômica, ou seja, numa relação entre dois elementos.*

**Língua:**

*Conjunto de unidades organizadas que se inter-relacionam formando um todo.*

feria a tendência sociológica (que analisava a relação linguagem-sociedade) à formalista (que abordava o percurso psíquico da linguagem).

A língua é, então, praticamente, compreendida como a linguagem menos a fala. Ela é, ao mesmo tempo, uma instituição social e um sistema de valores. Como instituição social, ela não é absolutamente um ato, escapa a qualquer premeditação; é a parte social da linguagem; o indivíduo não pode, sozinho, nem criá-la nem modificá-la. Trata-se essencialmente de um contrato coletivo ao qual temos de submeter-nos em bloco, se quisermos comunicar. Além disto, esse produto social é autônomo, à maneira de um jogo com as suas regras, pois só se pode manejá-lo depois de uma aprendizagem.

O aspecto institucional e o aspecto sistemático estão evidentemente ligados: é porque a língua é um sistema de valores contratuais (em parte arbitrários), que resiste às modificações do indivíduo sozinho e que, conseqüentemente, é uma instituição social.

Diante da língua, instituição e sistema, a fala é essencialmente um ato individual de seleção e atualização. Um modo de combinar os elementos da língua no ato de comunicação. Isto é, enquanto a língua é um modelo geral, compartilhado por uma comunidade, a fala é uma realização pessoal, única.

O aspecto combinatório da fala é evidentemente capital, pois faz supor que a fala constitui-se pelo retorno de signos idênticos: é porque os signos se repetem de um discurso a outro e num mesmo discurso (embora combinados segundo a diversidade infinita das palavras) que cada signo se torna um elemento da língua; é porque a fala é essencialmente uma combinatória que corresponde a um ato individual e não a uma criação pura.

A língua não se limita apenas às frases já existentes, mas ao universo de frases que se podem criar a partir das regras determinadas

pela língua. Cada indivíduo que fala uma língua está apto a fazer novas combinações, gerando frases que nunca foram ouvidas, mas que obedecem às regras da própria língua. Fica claro, portanto, que é a fala que faz a língua evoluir.

Língua e fala mantêm uma relação dialética entre si. Segundo o esquema saussureano, a língua é, ao mesmo tempo, produto e instrumento da fala. Uma língua sem fala seria impossível: não há língua sem fala e não há fala sem língua. O indivíduo não pode "falar" sem que a sociedade tenha estabelecido as regras pelas quais essa comunicação é possível, mas também a sociedade não poderia estabelecer esse "modus" se os indivíduos não se pusessem a falar (TEIXEIRA COELHO, 1990, p. 18). Língua e fala estão, portanto, numa relação de compreensão recíproca.

A linguagem é sempre socializada, mesmo no nível individual, pois quando se fala a alguém, tenta-se sempre mais ou menos falar sua linguagem, principalmente, seu vocabulário ("a propriedade privada, no domínio da linguagem, não existe").

A partir daí pode-se falar genericamente que a lingüística é constituída por duas vertentes: o estudo da língua ou ciência da língua, e o estudo das línguas como idiomas historicamente constituídos.

Língua	Fala
Conjunto de regras estabelecidas arbitrariamente e armazenadas no cérebro de cada indivíduo de uma determinada sociedade. Somente à medida que nos submetemos às regras da língua é que podemos nos integrar numa comunidade linguística e social. Então podemos deduzir que a língua é um fenômeno social. É um conjunto de convenções necessárias à comunicação. Ela independe do indivíduo. É um produto social de cuja assimilação cada indivíduo depende para o exercício da faculdade de linguagem.	É a parte individual da linguagem. Diz respeito ao uso das regras da língua num ato de fala e de comunicação particulares.

## Significante e Significado

Devemos considerar, em primeiro lugar, que o signo é algo que se vê ou se ouve ou se toca ou se cheira ou cujo sabor se sente. Em síntese, algo que atinge os sentidos, algo perceptível. Em segundo lugar, esse algo que se percebe transporta uma idéia, um conceito, um conteúdo. O signo resulta da união desses dois aspectos (PEREIRA, 2001, p. 44). É esta a visão trazida por Saussure. Para ele, todo signo lingüístico é constituído de dois lados, duas faces ou dois aspectos. O aspecto sensível, perceptível, do signo é chamado de significante. O aspecto inteligível é chamado de significado (exemplo: o som do toque de uma campainha é o significante e o significado pode ser “alguém chegou”).

O laço que une significante e significado é inteiramente arbitrário. A idéia de “árvore”, por exemplo, que é o significado, não tem ligação alguma com a seqüência de sons á-r-v-o-r-e, que lhe serve de significante. Poderia ser representada por outra seqüência qualquer, não importa qual.

Um signo é, às vezes, comparado a uma moeda ou a uma folha de papel: de um lado está o significante, do outro, o significado. Não há signo sem significante e significado, do mesmo modo como uma moeda não pode deixar de ter cara e coroa. Se tomarmos, como exemplo de signo, a palavra casa, o som da palavra ou a grafia da palavra é o significante. O conceito de “local destinado à moradia de pessoa ou a grupos de pessoas, ou à reunião, ou ao comércio; ou, ainda, espaço separado por linhas nas tabelas, tabuleiros etc.” é o significado.

Significante e significado não se separam, mas se distinguem. Distinguem-se tão claramente que significante pode ter mais de um significado, até vários. É o caso dos homônimos (manga, dado, peça,

bala) ou das palavras que adquirem sentidos figurados (fogo, cabeça, abacaxi, mala). Um significado também pode ter vários significantes. É o caso dos sinônimos, como casa e residência, professor e mestre, acusado e réu, ou das palavras equivalentes nas diversas línguas: o que nós chamamos de casa, americanos e ingleses chamam de house e os franceses, de maison etc. (PEREIRA, 2001, p. 46).

Teixeira Coelho (1990, p. 22) chama a atenção para a questão da significação do signo, conceito chave ao redor do qual se organiza toda a teoria semiótica, que não deve ser confundida com o significado desse mesmo signo. O significado é o conceito ou a imagem mental que vem na esteira de um significante. Já a significação é a efetiva união entre um certo significante e um certo significado. Se se preferir, pode-se dizer que a questão do significado está no domínio da língua e da significação, no da fala. Em outras palavras, a significação de um signo é uma questão individual, enquanto o significado depende apenas do sistema. Está acima de um ato individual. A significação pode ser concebida como um processo; é o ato que une o significante e o significado, cujo produto é o signo (BARTHES, 1977, p. 51).

Num exemplo citado por Teixeira Coelho (1990, p. 22), em seu livro *Semiótica, Informação e Comunicação*, fica bastante clara essa diferenciação: uma pessoa vê-se diante do signo “macutena”. Supondo-se que não conheça previamente seu significado, o que ela vê aí é um simples significante, estando, no máximo, autorizada a dizer que se trata de um possível signo. O fato de não conhecer o significado desse signo não implica, naturalmente, a inexistência desse significado: ele está no dicionário. Trata-se, portanto, de um signo perfeito, com significante e significado. Para essa pessoa, porém (que não conhece seu significado) esse signo não tem significação. A partir do momento em que alguém lhe diz: o significado de “macutena” é “pessoa azarenta”, ela está em

### Significante:

É a parte material do signo (o som que o conforma, ou os traços pretos sobre o papel formando uma palavra, ou os traços de um desenho que representa, por exemplo, um cão).

### Significado:

É o conceito veiculado por essa parte material, seu conteúdo, a imagem mental por ela fornecida (por exemplo, cão – animal quadrúpede, mamífero da ordem dos carnívoros) (TEIXEIRA COELHO, 1990, p. 20).

### Exemplo:

A palavra mesa, o som da palavra ou a grafia da palavra é o significante.

O conceito de “móvel sobre o qual se come, se trabalha, se joga etc.”, é o significado.

### Signo:

É a união de significante e significado. O plano dos significantes constitui o plano de expressão e o dos significados, o plano de conteúdo (SAUSSURE, 1971).

condições de unir esse significado ao significante, formando-se aí, para ela, a significação do signo.

Qualquer sistema de significação comporta, portanto, um plano de expressão (significante) e um plano de conteúdo (significado). A significação coincide com a relação entre os dois planos.

### Processo de Significação

Na visão da semiologia, cada signo possui duas possibilidades intrínsecas: a primeira é o seu aspecto audível, perceptível (o significante), e a segunda é o aspecto contido, trazido pelo aspecto audível (o significado). O significado não existe fora de sua relação com o significante, ou seja, o mesmo gesto, por exemplo, cria significante e significado, conceitos que só podem ser pensados em relação mútua (um com o outro). Um significante sem significado é simplesmente um objeto, nada significa. Um significado sem significante é o que não pode ser descrito, não pode ser pensado, em resumo, algo que não existe. A relação entre o significante e o significado é o processo da significação.

### Paradigma e Sintagma

As relações que unem os termos lingüísticos podem desenvolver-se em dois planos, cada um dos quais produz seus próprios valores: o plano dos paradigmas e o plano dos sintagmas. O plano paradigmático está ligado, de muito perto, à língua como sistema, enquanto o sintagmático está mais próximo da fala.

Paradigmas e sintagmas podem ser representados por dois eixos.

#### *Significação:*

*Conceito-chave em redor do qual se organiza toda a teoria semiológica. Pressupõe sentido, não só sinais, mas signos emitidos e recebidos por seres humanos na base de um código, que leva a uma interpretação humana. Significação, assim definida, possui a comunicação como seu pressuposto. A definição subjacente é aquela que se encontra no dicionário de Greimas e Courtés (1979, p. 418): significa "produção de sentido" ou "sentido produzido" (SANTARELLA, 2004, p. 145).*

#### *Paradigma:*

*Conjunto de elementos que podem substituir-se uns aos outros num mesmo contexto. Num sentido amplo, chama-se paradigma toda a classe de elementos lingüísticos, qualquer que seja o princípio que leve a reunir estas unidades.*

Um eixo vertical, virtual, mental, ou paradigmático, e um eixo horizontal, real, atual, ou sintagmático. No primeiro, nós selecionamos signos (eixo da seleção). No segundo, combinamos os signos selecionados (eixo da combinação). Em termos de comunicação, o primeiro leva ao código. O segundo, à mensagem. Para falar, nós selecionamos palavras dos paradigmas verbais que temos na cabeça e combinamos essas palavras para formar frases. Esta é uma idéia geral, válida não só para o falante comum (PEREIRA, 2001, p. 71).

Quando elaboramos uma mensagem, operamos assim: de todos os elementos possíveis (ordem paradigmática) elegemos aqueles que nos parecem mais convenientes e construímos a frase (ordem sintagmática). Construir um texto, uma narração, uma frase, é passar do paradigma ao sintagma, passar do possível ao certo. É passar do que pode ser ao que é (GOMES, 1997, p. 41).

Sintagma é, assim, o resultado da combinação de articulação de signos (no caso das palavras, para formar locuções, expressões e enunciados) e paradigma é o resultado da relação virtual do signo com outros signos semelhantes, tirados de uma mesma categoria, ou lista, ou classe. As palavras podem ser classificadas por verbos, por substantivos, por adjetivos, por sinônimos, por rimas (mala, sala, dala, bala, rala, vala etc.), ou, semanticamente, de acordo com as coisas que elas designam (seus objetos/referentes): cores, frutas, animais, objetos (mala, maleta, saco, sacola, bolsa, pasta, mochila etc.). A relação paradigmática pode ser uma associação qualquer (PEREIRA, 2001, p. 70).

Os signos, portanto, não existem isoladamente. Quando não estão relacionados concretamente, sintagmaticamente, com outros signos, estão relacionados mentalmente, paradigmaticamente, com

#### *Sintagma:*

*Combinação de elementos co-presentes em um enunciado. Os sintagmas são obtidos pela segmentação da cadeia sintagmática. O estabelecimento das relações entre as partes e a totalidade tem o efeito de transformar essa cadeia numa hierarquia sintagmática. Acha-se terminada a análise sintagmática quando os elementos últimos, constitutivos de um sintagma, não são mais segmentáveis e não podem mais ser considerados como sintagmas: a descrição sintagmática cede a vez à análise paradigmática. O conceito de sintagma, uma vez dotado de uma definição puramente relacional, é aplicável a todos os planos da linguagem e a unidades de diferentes dimensões (GREIMAS; COURTÉS, 1992).*

outros. Roland Barthes (1977) considera que não só a linguagem verbal, mas toda e qualquer linguagem está estruturada conforme esses dois tipos de relação.

Analisando o sistema de moda, Barthes mostra como paradigma os vários grupos de peças que se pode usar ao mesmo tempo sobre uma parte do corpo: o grupo das peças usadas sobre a cabeça (chapéu, boné, lenço etc.), usadas no pé (bota, sapato, sandália, tênis, chinelo etc.) e sintagma, uma combinação real, sobre uma pessoa, de um chapéu com um sapato, uma camisa, uma certa calça etc.

Em arquitetura, um templo grego concretamente construído é um caso de sintagma. Para a construção da edificação, o arquiteto teve a sua disposição vários paradigmas.

Podemos citar outros exemplos da dupla paradigma/ sintagma tirados do nosso dia-a-dia: roupas do seu armário (paradigma), roupa que você escolhe para vestir (sintagma); variedade de pratos do restaurante (paradigma), prato que você pede (sintagma); móveis dispostos na loja (paradigma), móveis arrumados na sala de sua casa (sintagma). Na verdade, os profissionais de comunicação trabalham sempre assim: por seleção e combinação de signos. Criam sempre suas mensagens em dois eixos de raciocínio, o dos paradigmas e o dos sintagmas (PEREIRA, 2001).

### Denotação e Conotação

Denotação e conotação são conceitos desenvolvidos pela Linguística, mas podem ser aplicados a qualquer tipo de mensagem.

Toda e qualquer mensagem pode ser interpretada em dois planos de significação: o plano denotativo (o que ela diz ou mostra explicita-

mente) e o plano conotativo (o que ela sugere, que passa implicitamente). Passa, inclusive, sem que o emissor tenha intenção de passar (é o caso das conotações preconceituosas e ideológicas inconscientes).

Pereira (2001, p. 111-115) explica de modo claro essa dicotomia saussureana: se tomarmos, por exemplo, a palavra estrela, o sentido denotativo é “corpo celeste dotado de luz própria” e o sentido conotativo pode ser artista famoso, célebre, celebridade, astro, sorte etc. A palavra marmelada tem como sentido denotativo doce de marmelo e, como sentido conotativo, jogo de resultado previamente combinado, negócio desonesto. Da mesma forma, a expressão lavar as mãos denota limpar as mãos com água e conota não assumir responsabilidade. A palavra cara tem como sentido denotativo, rosto e como sentido conotativo indivíduo, sujeito. A palavra dançar denota bailar e conota sair-se mal etc.

Assim, uma palavra, uma expressão, uma frase, além de seu sentido literal ou denotativo, pode ter um ou mais de um sentido conotativo. Um texto qualquer, além do que denota (ou seja, do que diz textualmente), pode ter, por exemplo, uma conotação moral, um fundo moral etc. É o caso da fábula, do provérbio. Há contextos verbais em que predomina o denotativo (enciclopédia) e outros em que predomina o conotativo (poesia). Costuma-se dizer que o jornal impresso se lê nas linhas (o sentido denotativo das notícias) e nas entrelinhas (o sentido conotativo). O bom leitor é aquele que sabe ler no plano conotativo, porque o jornalismo moderno, chamado de interpretativo, apóia-se muito na linguagem conotativa.

Também a publicidade faz uso intenso da conotação. Ela é mais conotativa do que denotativa. Associa-se, por exemplo, o consumo de uísque ao poder de sedução. A publicidade é um reflexo da sociedade, da cultura, da época em que foi feita.

#### Denotação:

É o sentido original, sentido próprio, literal, aquele que normalmente se identifica como sendo o significado das palavras. É o significado conceitual da palavra, o significado do dicionário, compartilhado por todos que falam a mesma língua, aquele que permite a efetiva comunicação entre as pessoas.

#### Conotação:

É o sentido indireto, mais amplo, figurado, metafórico (PEREIRA, 2001, p. 110). São significados segundos que vêm agregar-se ao primeiro significado. A conotação está ligada à significação. Não está no nível do signo isolado, mas no nível do discurso em sua totalidade, no qual se insere o signo em questão. As mensagens publicitárias, por exemplo, são próprias de uma mensagem conotada. Passam de uma linguagem simples para uma linguagem mais aberta e figurada, com várias e distintas interpretações.

O signo denotativo veicula o primeiro significado derivado do relacionamento entre um signo e seu objeto. O signo conotativo põe em evidência significados segundos que vêm agregar-se ao primeiro significado naquela mesma relação signo/objeto. Exemplo: o tutu estava espalhado sobre a mesa. Pode-se atribuir à mensagem duas diferentes significações: denotativamente, pode-se entender que sobre a mesa fora espalhado o prato à base de feijão e conotativamente que sobre a mesa havia dinheiro espalhado (TEIXEIRA COELHO, 1990, p. 24). Da mesma forma, a palavra cachorro, por exemplo, denota cão novo e pequeno e conota indivíduo indigno, canalha, cafajeste.

**Linguística Textual:**

*Constitui-se num novo ramo da linguística que se desenvolve na Europa a partir da década de 1960, com a proposta de tomar como unidade básica e objeto particular de investigação não mais a palavra, mas o texto como a forma específica de manifestação da linguagem.*

**Exemplo:**

*A palavra marmelada tem como sentido denotativo, doce de marmelo e como sentido conotativo, jogo de resultado previamente combinado, negócio desonesto.*

Na teoria de Saussure, a linguagem é essencialmente essa rede de relações. Mais do que os elementos que demarcam uma linguagem, interessam as relações entre eles. Assim, linguagem é a relação língua/fala, significante/ significado, paradigma/sintagma, denotação/conotação etc. (TEIXEIRA COELHO, 1990, p. 26).

De acordo com Saussure, a língua é possível pelo fato de os signos se repetirem. O objetivo da pesquisa semiológica é reconstituir o funcionamento dos sistemas de significação diversos da língua. Para empreender essa pesquisa, é necessário aceitar, desde o início, um princípio limitativo: a semiologia trata da significação dos objetos analisados. Interrogamos os objetos unicamente sob a relação de sentido que detêm, sem fazer intervir, pelo menos prematuramente, os outros determinantes (BARTHES, 1977, p. 103).

Por exemplo, a moda tem claramente implicações econômicas e sociológicas, mas o semiólogo não tratará nem da economia nem da sociologia da moda: dirá somente em que nível do sistema semântico da moda, a Economia e a Sociologia encontram a pertinência semiológica: no nível da formação do signo indumentário, por exemplo,

ou no das pressões associativas (tabus) ou no discurso da conotação etc. (BARTHES, 1977, p. 104).<sup>1</sup>

O desenvolvimento dos estudos nessa área provocou a divisão ou o surgimento de novas áreas na Linguística. Entre elas, destacam-se:

- a) Sociolinguística: vê na linguagem os reflexos das estruturas sociais. O que determina a construção do significado é a sociedade.
- b) Etnolinguística: entende que a linguagem faz mais do que designar uma realidade. Ela organiza o mundo social ou “dá forma” ao mundo no qual vivemos.
- c) Sociologia da linguagem: entende que não há separação entre as ações linguísticas e as ações sociais. Ações linguísticas e ações sociais são inseparáveis e auto-referentes.

## Semiótica

Na mesma época em que Saussure, na Europa, formulava seu pensamento sobre a Linguística, do outro lado do mundo, nos Estados Unidos da América, o cientista, lógico, filósofo e matemático Charles Sanders Peirce (1839-1914) dava corpo à ciência dos signos, batizada por ele de Semiótica<sup>1</sup>.

**Semiótica:**

*Vem da raiz grega semeion, que quer dizer signo, e de sema, que pode ser traduzido por sinal ou signo, a mesma raiz que encontramos, por exemplo, na palavra semáforo. Semiótica é a ciência dos signos, entendendo signo no sentido de linguagem. Portanto, semiótica é a ciência de todas as linguagens, ciência que tem por objeto de estudo todas as linguagens possíveis.*

<sup>1</sup> Costuma-se chamar a disciplina que estuda o mundo dos signos de Semiologia, nome dado na Europa pelo fundador da Linguística Moderna, Ferdinand de Saussure, ou Semiótica, nome que recebeu nos Estados Unidos da América do filósofo Charles Sanders Peirce. Alguns autores fazem distinção entre os dois termos: a semiologia seria o estudo dos signos linguísticos, enquanto a semiótica seria o estudo dos signos em geral. O próprio Saussure, no entanto, ressaltou que a língua é um sistema de signos entre outros (apenas o mais importante) e propôs o nome semiologia para

A semiótica constitui um campo autônomo de estudos, composto por diversas perspectivas, que se desenvolvem de forma paralela à Teoria da Comunicação. Por si só, ela representa um complexo âmbito de estudos que não se preocupam nem com o processo comunicativo como tal, nem com a relação comunicação-sociedade. O centro da preocupação da semiótica é a mensagem.

De forma sintética, pode-se definir a semiótica como “a ciência dos signos e dos processos significativos na natureza e na cultura”. Esta definição, no entanto, não é aceita por todos os estudiosos da área. Várias escolas da semiótica preferem definições mais específicas e restritivas; muitas exigem que a semiótica ocupe-se apenas da comunicação humana, e a escola de Greimas até se recusa a definir a semiótica como uma teoria dos signos, postulando, ao contrário, defini-la apenas como uma teoria da significação (NÖTH, 1995, p. 19). A função dessa nova ciência era classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis, incluindo os signos lingüísticos.

Para Peirce, signos não são uma classe de fenômenos ao lado de outros objetos não-semióticos. Ao contrário, para ele, “o mundo inteiro está permeado de signos, se é que ele não se compoñha exclusivamente de signos” (CP 5.448)<sup>2</sup>. A semiótica, derivada de tal visão do

---

toda “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social”. Por outro lado, deve-se levar em conta que, apesar de os termos serem utilizados indiferentemente como sinônimos, o uso de um ou de outro já revela a tendência do estudioso, ou seja, os de filiação saussureana, com tendências nitidamente lingüísticas, literárias; e os de filiação peirceana, com tendências lógico-filosóficas-matemáticas.

<sup>2</sup> Todas as citações de textos de Charles Sanders Peirce, extraídas de seus *Collected Papers* (Escritos Coligidos), serão apresentadas conforme o hábito seguido pelos estudiosos da teoria peirceana. As citações vêm seguidas pelo número que indica, à esquerda do ponto, o volume e à direita, o número do parágrafo dos *Collected Papers*.

signo, reveste-se de um caráter universal que Peirce assim descreveu:

Nunca esteve em meus poderes estudar fosse o que fosse – matemática, ética, metafísica, gravitação, astronomia, psicologia, fonética, economia, a história da ciência, jogo de cartas, homens e mulheres, vinho, metrologia – exceto como um estudo de semiótica (PEIRCE, 1977, p. 85).

A semiótica estuda especialmente a dinâmica existente entre emissor e receptor e os percursos interpretativos que o receptor tem que atualizar. Nesse sentido, a comunicação deixa de ser transferência de informação para passar a ser entendida como transferência de um sistema para outro. De acordo com as diversas situações socioculturais, existe uma diversidade de códigos ou de regras de competência na interpretação dos signos.

Devemos salientar os efeitos e as funções sociais dos meios de comunicação de massa, entendendo que eles não podem prescindir do modo como se articula dentro da relação comunicativa o mecanismo de reconhecimento e de atribuição do sentido, que é a parte essencial desta relação.

### Ramos da Semiótica

Não são poucas as pessoas que pensam que a semiótica peirceana se limita à teoria geral de signos e, mais especificamente ainda, às classificações de signos que ela contém. Este é, na realidade, apenas o primeiro ramo da semiótica. É bom esclarecer que a semiótica peirceana tem três ramos: a gramática especulativa ou teoria e classificações de signos, a lógica crítica e a retórica especulativa.

1) Gramática Especulativa: neste ramo são estudados os mais variados tipos de signos e as formas de pensamento que eles possibilitam.

2) Lógica Crítica: este segundo ramo toma como base as diversas espécies de signos e estuda os tipos de inferências, raciocínios ou argumentos que se estruturam através de signos. Os três modos de raciocínio são a abdução, a indução e a dedução.

a) Abdução é o processo para formar hipóteses. É o ponto de partida de uma hipótese e sua manutenção. Consiste em examinar uma massa de fatos e permitir que esses fatos sugiram uma teoria. A abdução faz uma mera sugestão de que algo pode ser. Está mais próxima da conjectura do que do raciocínio propriamente dito. Abdução é, para Peirce, a única operação lógica a introduzir idéias novas. A sugestão abdutiva nos chega em um flash. É um ato de insight.

b) Indução é um processo de investigação experimental de suposições teóricas. É um processo que parte de dados teóricos e se mede o grau de concordância da teoria com os fatos concretos. Os fatos concretos funcionam como índices de "suportes da teoria". Para Peirce, a essência da indução é que ela infere de um conjunto de fatos para outro conjunto de fatos semelhantes - infere, portanto, a existência de fenômenos semelhantes ao que observamos em casos similares. A indução ocorre quando generalizamos a partir de certo número de casos em que algo é verdadeiro e inferimos que a mesma coisa será verdadeira do total da classe; ou quando verificamos que certa coisa é verdadeira, na mesma proporção, para o total da classe.

c) A dedução prova que algo deve ser. A dedução envolve apenas as conseqüências necessárias de uma pura hipótese; nada acrescenta às premissas, mas apenas, a partir dos fatos nelas represen-

tados, separa um deles, no qual focaliza a atenção. A inferência é válida se e somente se existe uma relação entre o estado de coisas suposto nas premissas e o da conclusão. O objetivo de tal raciocínio é determinar a aceitação de tal conclusão. Hipótese é qualquer proposição adicionada aos fatos observados que tenda a ser aplicável em qualquer outra circunstância do que aquela na qual os fatos foram observados. A hipótese ocorre quando nos deparamos com uma circunstância curiosa, capaz de ser explicada pela suposição de que se trata de caso particular de certa regra geral, adotando-se, em função disso, a suposição. Ou quando verificamos que sob certos aspectos dois objetos mostram forte semelhança e inferimos que se assemelham um ao outro sob aspectos diversos (PEIRCE, 1984, p. 161).

3) Retórica Especulativa: o terceiro ramo da semiótica, tomando como base a validade e a força que são próprios de cada tipo de argumento, tem por função analisar os métodos a que cada um dos tipos de raciocínio dá origem.

O primeiro ramo é, na realidade, o mais importante, pois além de nos fornecer definições rigorosas do signo e do modo como os signos agem, a gramática especulativa [ou teoria dos signos] contém um grande inventário de tipos de signos e de misturas signícas, nas inúmeras gradações entre o verbal e o não-verbal até o limite do quase-signo (SANTAELLA, 2002, p. XIV).

### As Três Categorias Universais do Pensamento

De acordo com Peirce, a primeira tarefa de um trabalho filosófico-científico é o estudo da fenomenologia, que tem por função

#### Abdução:

É o mais original dos tipos de raciocínio. Refere-se ao ato criativo de se levantar uma hipótese explicativa para um fato surpreendente. É o tipo de raciocínio através do qual a criatividade se manifesta não apenas na ciência e na arte, mas também na vida cotidiana (SANTAELLA, 2001, p. 116).

#### Indução:

Processo lógico no qual uma conclusão proposta contém mais informação do que as observações e experiências nas quais ela se baseia. A verdade da conclusão é verificável apenas em termos de experiência futura e certamente é atingível apenas se todos os exemplares possíveis forem examinados (BAVELAS apud SANTAELLA, 2001, p. 118). A indução não contribui em nada para o nosso conhecimento. Ela simplesmente avalia uma probabilidade objetiva.

#### Dedução:

Modo de raciocínio que parte de uma hipótese cuja verdade ou falsidade nada tem a ver com o raciocínio, e cujas conclusões são igualmente ideais. Tem por finalidade provar que algo deve ser, definindo-se, pois, como um método de predição dos fenômenos (SANTAELLA, 2001, p. 117).

#### Hipótese:

É uma suposição que se faz, mas que ainda não foi testada de modo intensivo e conclusivo. É aceita apenas provisoriamente, sem status científico definitivo, dependendo, para tanto, de futuras verificações e análises críticas (COSTA apud SANTAELLA, 2001, p. 46).

#### Fenomenologia:

É a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano (SANTAELLA, 1996, p. 32). É uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente.

**Fenômeno:**

Palavra derivada do grego *Phaneron* – é tudo aquilo que aparece à mente, à percepção, correspondendo a algo real ou não.

**Exemplos:**

Uma dor, um sonho, uma lembrança, um desejo, um grito, um tombo, uma expectativa.

**Primeiridade:**

É, em síntese, a categoria do sentimento imediato e presente das coisas, sem nenhuma relação com outros fenômenos do mundo. Mera possibilidade.

**Secundidade:**

É a categoria da comparação, da ação, da realidade, da experiência. Corresponde ao aqui e agora, à dualidade, à força bruta, à ação e reação dos fatos existentes.

apresentar as categorias formais e universais dos modos como os fenômenos são apreendidos pela mente.

1ª categoria: Primeiridade

É o modo da possibilidade apenas. Estágio das qualidades ainda não distinguidas, da independência, do não necessariamente efetivado. Fase do sentimento sem reflexão, do pressentimento, do presentido, da liberdade, do imediato. Corresponde ao acaso, à originalidade, espontaneidade, potencialidade, frescor. Na primeiridade, as coisas não agem umas sobre as outras e, embora existindo, não chegam a definir-se.

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer (CP 8.328).

2ª categoria: Secundidade

Começa quando um fenômeno primeiro é relacionado a um segundo fenômeno qualquer (CP 1.356-359). Já pressupõe algo concreto, real. É a categoria da comparação, da ação, da realidade, da experiência. Corresponde ao aqui e agora, à dualidade, à força bruta, à ação e reação dos fatos existentes. Na secundidade, o modo de ser de algo depende de como um segundo objeto é, atua sobre este e deste recebe influência.

A segunda categoria é determinada pelo elemento de "luta", o nível do conflito, da resistência, do dispêndio de energia aplicada e transformada em objeto. Envolve esforço, dispêndio, surpresa, dúvida. A secundidade, em síntese, consiste, na realidade, naquilo que acontece num lugar e num tempo, relacionando-se com outros existentes.

3ª categoria: Terceiridade

Acontece quando um fenômeno segundo relaciona-se a um terceiro fenômeno (CP 1.337). "É a categoria da mediação ou processo, do hábito, da memória, da continuidade, da síntese, da comunicação, da representação". Nível da generalidade, da inteligência, do crescimento contínuo, da lei, do pensamento, isto é, da abstração. Um terceiro é o que é em virtude de atribuir uma qualidade a reações situadas no futuro, enquanto um segundo está no nível do foi e um primeiro, no nível do é agora.

É justamente a terceiridade (a categoria do crescimento contínuo) que corresponde à definição de signo genuíno, ou seja, uma relação de três termos, de três elementos, ou mediação. O signo é uma mediação: um primeiro elemento (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo elemento (aquilo que o signo indica, a que se refere ou que representa) a um terceiro elemento (o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete).

O Conceito de Signo

Se Saussure deu grande ênfase para o significado do signo, na sua formulação da Linguística, no caso da Semiótica o que menos importa é o significado do signo e sim a interpretação que dele é feita, porque o signo precisa, antes de tudo, de ser percebido por alguém que vai interpretá-lo.

O termo signo vem do latim *signum*, de onde vieram diversas outras palavras bastante comuns na língua portuguesa: sinal, senha, sino, sina, insígnia, sineta, desígnio, desenho, aceno, significar etc. Todas essas palavras têm algo em comum. Passam a idéia de sinalizar, indicar, representar alguma coisa (PEREIRA, 2001, p. 44).

**Terceiridade:**

É a categoria da síntese, da generalidade, do pensamento, do conhecimento. É um processo interpretativo entre nós e os fenômenos.

**Signo Genuíno:**

É um signo completo. Um processo relacional de três elementos: signo, objeto e interpretante.

**Signo Degenerado:**

É um signo que não se completou.

**Exemplo:**

Sensação de uma dor não localizada.

**Signo:**

O termo signo vem do latim *signum*, de onde vieram diversas outras palavras bastante comuns na língua portuguesa: sinal, senha, sino, sina, insígnia, sineta, desígnio, desenho, aceno, significar etc. Todas essas palavras têm algo em comum. Passam a idéia de sinalizar, indicar, representar alguma coisa (PEREIRA, 2001, p. 44).

Todas essas palavras têm algo em comum. Passam a idéia de sinalizar, indicar, representar alguma coisa.

Os signos surgem da necessidade que o ser humano tem de representar as coisas para melhor compreender, interpretar, analisar, conhecer o mundo. E também facilitar a comunicação. O raciocínio é bastante simples: nós não podemos nos comunicar fazendo uso das próprias coisas a que estamos nos referindo. Então, inventamos as palavras para substituir as coisas: as palavras não têm peso, estão na nossa cabeça e nós a levamos conosco para todo lugar. As palavras representam as coisas das quais falamos. Todo signo representa alguma coisa, é signo de alguma coisa, representa ou significa alguma coisa que é exterior a ele. A maneira mais simples de definir signo é “algo que está no lugar de outra coisa”. Compreende-se que sem o signo a comunicação seria praticamente inviável, pois pressuporia a manipulação, a todo instante, dos próprios objetos sobre os quais incidiria o discurso (PEREIRA, 2001, p. 44).

Peirce diz que signo é “algo que, sob certo aspecto e de algum modo, representa alguma coisa para alguém.” Representa sob certos aspectos e de algum modo porque nada representa coisa alguma perfeitamente. A melhor fotografia não é igual ao objeto mostrado: é menor, é plana etc. Nem é objetivo do signo ser igual à coisa, mas apenas sugerir-la, substituí-la, representá-la.

#### A Tríade: Signo-Objeto-Interpretante

Signo é qualquer coisa, de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa,

uma mancha de tinta, um vídeo etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito chamado de interpretante do signo (SANTAELLA, 2002, p. 8). Estas três entidades – signo, objeto, interpretante – formam a relação triádica do signo.

Tanto quanto o próprio signo, o objeto do signo também pode ser qualquer coisa de qualquer espécie. Essa “coisa” qualquer está na posição de objeto, porque é representada pelo signo. O que define signo, objeto e interpretante, portanto, é a posição lógica que cada um desses três elementos ocupa no processo representativo.

Tomando como exemplo de signo um grito, a professora Lúcia Santaella explica claramente: um grito representa algo que não é ele, indica que aquele que grita está, naquele exato momento, em apuros ou sofrendo alguma dor ou regozijando-se de alegria. Isto que é representado pelo signo (apuro ou dor ou alegria), isto é, aquilo a que o signo se refere é o objeto do signo. É certo que esse grito provocará em um receptor qualquer efeito interpretativo: correr para ajudar, gritar junto, ignorar etc. Esse efeito produzido no receptor é o interpretante do signo. Fica bem claro que o signo sempre funciona como mediador entre o objeto e o interpretante (SANTAELLA, 2002, p. 8).

#### O Objeto do Signo

A função do signo é representar o que está ausente e não é percebido. Representar significa, precisamente, tornar presente [...]. É esta a grande utilidade dos signos para o pensamento humano e a comunicação humana. Essa coisa representada pelo signo é o seu

#### *Signo-Objeto-Interpretante:*

*O signo é um primeiro que se relaciona a um segundo, denominado objeto, capaz de determinar um terceiro, chamado interpretante. O signo é um conjunto composto desses três elementos: signo, objeto e interpretante.*

**Objeto:**  
É aquilo que o signo substitui.

**Exemplo:**  
A palavra elefante (signo) substitui o animal elefante (objeto).

objeto (ou referente). O objeto de um signo, portanto, não se confunde com o seu significado. O significado da palavra computador não é o objeto computador. O significado de uma palavra está na nossa mente (ou no dicionário). O objeto está fora de nós, está na realidade (PEREIRA, 2001, p. 46).

Pereira chama a atenção para três observações importantes sobre o conceito de objeto. Em primeiro lugar, nem sempre o objeto de um signo é algo concreto, palpável. Como uma mesa, uma cadeira, uma pessoa ou um animal. Umberto Eco nos dá exemplo de duas palavras: cavalo (que tem um objeto concreto) e unicórnio (sem objeto real). Conclusão: o objeto pode ser um ente imaginário, lendário, mitológico (sereia, lobisomem, vampiro) ou fictício (Mickey, Pato Donald), pode ser do cinema (Indiana Jones), um ente sobrenatural (Deus, santos) ou até coisas abstratas, como amor, ódio, justiça, felicidade.

Em segundo lugar, o objeto de um signo pode ser um outro signo: a foto da pintura de uma paisagem, as palavras ou expressões escritas (nuvens escuras, sinal vermelho) substituem no papel os eventos reais que são signos de alguma coisa. As palavras são sempre signos de signos, já que a escrita foi criada para representar a fala.

Em terceiro lugar, qualquer objeto, qualquer referente, qualquer coisa que não seja um signo pode, em determinado momento, sob determinado ângulo, para determinado intérprete, fazer o papel de signo. Pessoas, animais, carros, casas etc., normalmente, não são signos. Mas um representante de turma, um prefeito, um deputado, um presidente são signos, um cidadão comum pode ser visto como signo de sua classe social ou da sua região. Um animal pode ser visto como um símbolo religioso (exemplo: vaca na Índia). Um carro pode ser visto como signo de status, um cadillac como signo de uma época. Uma casa pode ser vista como signo de moradores ricos (uma

mansão), de moradores pobres (um barraco), de um estilo de arquitetura (colonial, moderna) etc. (PEREIRA, 2001, p. 49-50).

Um exemplo claro de transformação de objeto em signo nos é dado por Buysens (1972): o arroz é, em princípio, apenas um alimento, um referente banal. Quando atirado nos noivos, na porta da igreja, transforma-se em signo (de fertilidade).

Existem signos que são sempre signos porque foram criados para isso pelo homem. Podemos citar como exemplos as palavras, gestos, desenhos, fotografias etc. São signos primários. As coisas que normalmente não são signos, mas circunstancialmente adquirem um valor de representação para algum intérprete são signos secundários. O arroz é primariamente um alimento, secundariamente, um signo. O automóvel é primariamente um utilitário, secundariamente signo de status (PEREIRA, 2001, p. 15).

## O Interpretante do Signo

Os signos relacionam-se entre si porque uns servem de interpretantes para outros. Para ilustrar, vamos partir do exemplo das palavras. Suponhamos que você não saiba o significado de uma palavra. Quando isso acontece, você busca auxílio de um dicionário. Exemplo: significado da palavra casa. No dicionário, encontramos os sinônimos: morada, moradia, residência, habitação. Ou uma definição do conceito de casa: edificação que as pessoas usam para morar. Ou seja, no dicionário encontramos outras palavras, cujos significados devemos conhecer.

É fácil perceber. O significado de uma palavra traduz, mostra e define-se por outras palavras. E isto é geral: o significado de um signo traduz-se sempre por outros signos, cujo significado traduz-se

**Interpretante:**  
É o efeito que o signo produz na mente do intérprete.

**Exemplo:**  
A palavra cadeira, signo do objeto cadeira, tem como interpretante "peça de mobiliário que consiste num assento com costas e, às vezes, com braços, dobrável ou não, para uma pessoa."

por outros signos, e assim sucessivamente. Esse signo que traduz, que explica o significado de outro signo, foi chamado por Peirce de interpretante do signo.

Interpretante, pois, não pode ser confundido com intérprete. Intérprete é quem interpreta o signo. Uma pessoa, por exemplo. Interpretante é o efeito que um signo está apto a produzir ou que efetivamente produz numa mente interpretadora. O interpretante é sempre um outro signo, uma outra representação (equivalente) do mesmo objeto. É um signo mais simples, que interpreta o significado de um signo mais complexo, ou um supersigno, no dizer de Décio Pignatari.

Exemplos: baluarte = lugar seguro; exíguo = escasso, de pequena proporção; ladeira = rampa, inclinação mais ou menos acentuada de um terreno etc.

Por outro lado, interpretante também não se confunde com o significado do signo. Significado é o conceito, a idéia. Interpretante é o sinônimo, a definição. Se eu pergunto: você sabe o significado da palavra ilha? O significado está na sua cabeça. E qual é? Terra cercada de água por todos os lados. Este é o interpretante de ilha. Todo signo pode ser traduzido por outros signos mais simples (PEREIRA, 2001, p. 63-66).

O conceito de interpretante cria, pois, uma relação de equivalência entre os signos. Seu emprego na comunicação é tão imediato e difundido, que pode nem ser notado (PEREIRA, 2001, p. 67).

O interpretante é, portanto, o "efeito do signo" (CP 5.474-475), podendo também ser "algo criado na mente do intérprete" (CP 8.179). Em consonância com a sua teoria, Peirce também definiu o interpretante como signo: "Um signo dirige a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Chamo o signo assim criado o interpretante do primeiro signo" (CP 2.228).

## Intérprete x Interpretante

Um dos grandes equívocos na interpretação que comumente se faz da semiótica peirceana diz respeito aos termos intérprete e interpretante.

Vimos que um signo é uma coisa que representa outra. Assim, de um lado temos a palavra árvore, do outro, a própria árvore. De um lado, o desenho de um elefante, do outro, o próprio animal elefante. De um lado, a foto de uma pessoa, do outro, a pessoa fotografada. O signo pode ser qualquer coisa (palavra, gesto, desenho, foto, objeto, gente), e a coisa representada também pode ser qualquer coisa (objeto, pessoa, animal, acontecimento, situação, fenômeno, uma estação do ano, uma década, uma época). O importante é a relação de representação que se estabelece. Ora, essa relação pressupõe um observador. Alguém está tomando uma coisa por outra, alguém está interpretando a realidade.

O signo não tem existência própria, como uma pedra ou um pássaro. É signo de alguma coisa para alguém. Esse alguém, sem o qual não tem sentido falar em signos, é tecnicamente chamado de intérprete do signo. Falando claramente: quem é esse intérprete? Somos nós, seres humanos (PEREIRA, 2001, p. 48). E o que é o interpretante? O interpretante é um signo.

## Divisão do Signo

Todo signo tem dois objetos: o objeto imediato e o objeto dinâmico, e três interpretantes: o interpretante imediato, o interpretante dinâmico e o interpretante final.

**Objeto Imediato:**

É o objeto dentro do signo. O modo como está representado no signo. O objeto como pensamos que ele é. É o que supomos conhecer do objeto num certo momento.

**Objeto Dinâmico:**

É o objeto fora do signo. O objeto real. É o objeto como ele é. É o próprio fenômeno.

**Interpretante Imediato:**

Dentro do signo. No próprio signo. É tudo aquilo que o signo está apto a produzir.

O objeto imediato é o “objeto dentro do signo, no próprio signo”, o objeto “como o signo mesmo o representa e cujo ser depende, portanto, da representação dele no signo” (CP 4.536). É, dessa forma, uma representação mental de um objeto, quer exista ou não o objeto. Santaella (1996, p. 59-60) exemplifica: se se trata de um desenho figurativo, o objeto imediato é a aparência do desenho, no modo como ele intenta representar por semelhança a aparência do objeto (uma paisagem, por exemplo). Se se trata de uma palavra, o objeto imediato é a aparência gráfica ou acústica daquela palavra como suporte portador de uma lei geral, pacto coletivo ou convenção social, que faz com que essa palavra, que não apresenta nenhuma semelhança real ou imaginária com o objeto, possa, no entanto, representá-lo.

O objeto dinâmico, também chamado de objeto real, é o “objeto fora do signo, é aquilo que o signo substitui”. É “a realidade que, de uma certa maneira, realiza a atribuição do signo à sua representação” (CP 4.536). Esse segmento da realidade é dinâmico, porque só pode ser indicado no processo de geração de signos.

De acordo com o efeito que o signo provoca na mente do intérprete, há três tipos de interpretantes: o interpretante imediato, o interpretante dinâmico e o interpretante final. Nas palavras do próprio Peirce “o interpretante como representado ou intencionado para ser entendido, o interpretante como é produzido e o interpretante em si mesmo” (CP 8.333).

Chama-se de interpretante imediato ao potencial interpretativo do signo, quer dizer, sua interpretabilidade peculiar, antes que o signo encontre um intérprete em que esse potencial se efetive. Trata-se de um interpretante em abstrato, ainda não efetivado, sendo, por isso mesmo, interno ao signo (SANTAELLA, 2002, p. 129).

Corresponde à “qualidade da impressão que um signo é capaz de produzir, sem uma reação atual” (CP 8.315). Conforme a definição de sua primeira categoria (primeiridade), Peirce apresentou esse interpretante imediato como uma potencialidade do signo:

É o efeito inanalizado total que se calcula que um signo produzirá ou naturalmente poderia se esperar que produzisse, o efeito que o signo produz primeiro ou pode produzir sobre uma mente, sem nenhuma reflexão sobre ele mesmo (NÖTH, 1995, p. 76).

O interpretante imediato consiste naquilo que o signo está apto a produzir numa mente interpretadora qualquer. Não se trata daquilo que o signo efetivamente produz na minha ou na sua mente, mas daquilo que, dependendo de sua natureza, ele pode produzir (SANTAELLA, 1996, p. 60).

O interpretante dinâmico corresponde ao efeito direto realmente produzido pelo signo em um intérprete. Esse efeito ou interpretante dinâmico tem três subníveis. Isto demonstra que, ao atingir o intérprete, o signo pode produzir três tipos de efeitos: o emocional, o energético e o lógico.

O interpretante final refere-se ao resultado interpretativo ao qual todo intérprete está destinado a chegar, se a investigação sobre o signo for levada suficientemente longe. Peirce observou que o interpretante final “é aquilo que finalmente se decidiria ser a interpretação verdadeira, se se considerasse o assunto de um modo tão profundo que se pudesse chegar a uma opinião definitiva” (CP 8.184). Numa palavra: interpretante final é o modo pelo qual o signo tende a representar-se, ao fim de um processo, em relação a seu objeto (TEIXEIRA COELHO, 1990, p. 71).

**Interpretante Dinâmico:**

Fora do signo. É o que o signo produz numa mente particular. É a compreensão do momento.

**Efeito Emocional:**

Diz respeito à emoção, à qualidade de sentimento que o signo pode provocar no intérprete.

**Efeito Energético:**

Efeito da ação, o signo pode provocar uma reação ativa no receptor.

**Efeito Lógico:**

Diz respeito ao conhecimento, à conscientização (SANTAELLA, 2002, p. 129).

**Interpretante Final:**

É a ideia de como seria o signo completamente interpretado.

Esses três interpretantes correspondem às três categorias. O interpretante imediato é a primeiridade, uma possibilidade de significação inscrita no signo, o interpretante dinâmico (produzido) é a secundidade, o fato empírico da interpretação ou os resultados factuais do entendimento do signo, e o final é terciaridade, uma regra ou padrão para o entendimento do signo (SANTARELLA, 2002, p. 167).

Resumindo: o interpretante imediato corresponde ao sentido, o interpretante dinâmico equivale ao significado e o interpretante final, à significação. O sentido é o efeito total que o signo foi calculado para produzir e que ele produz imediatamente na mente, sem qualquer reflexão prévia; é a interpretabilidade peculiar ao signo, antes de qualquer intérprete. O significado é o efeito direto realmente produzido no intérprete pelo signo, é aquilo que é concretamente experimentado em cada ato de interpretação, dependendo, portanto do intérprete e da condição do ato e sendo diferente de outra interpretação. Significação é o efeito produzido pelo signo sobre o intérprete em condições que permitissem ao signo exercer seu efeito total; é o resultado interpretativo a que todo e qualquer intérprete está destinado a chegar, se o signo receber a suficiente consideração (TEIXEIRA COELHO, 1990, p. 71-72).

### O Processo de Semiose

O signo tem a sua existência na mente do receptor e não no mundo exterior. "Nada é signo se não é interpretado como signo", diz Peirce (CP 2.308). A interpretação de um signo é, assim, um

processo dinâmico na mente do receptor. Para caracterizar esse processo, Peirce introduziu na sua argumentação o termo semiose, que significa exatamente "a ação do signo" (CP 5.472).

O signo é uma coisa que representa outra coisa: o seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. O signo representa o seu objeto, mas signo algum, por si mesmo, é capaz de representar seu objeto por inteiro. Ele só o representa numa certa medida e dentro de uma certa capacidade. Por isso, ele é sempre parcial e, por natureza, incompleto. Sua tendência será a de sempre crescer.

É a essa tendência de crescimento do signo que Peirce deu o nome de semiose. A semiose é um processo de geração infinita de significações, razão pela qual aquilo que era o terceiro numa dada relação triádica passa a ser um primeiro numa outra relação triádica (TEIXEIRA COELHO, 1990, p. 66).

A semiose resulta numa "série de interpretações sucessivas", *ad infinitum* (CP 2.303, 2.92). Não há nenhum "primeiro" nem um "último" signo nesse processo de semiose ilimitado. Nem por isso, entretanto, a idéia de semiose infinita implica um círculo vicioso. Ao contrário, refere-se à idéia muito moderna de que "pensar sempre procede na forma de um diálogo [...] de maneira que, sendo dialógico, se compõe essencialmente de signos" (CP 4.6). Como "cada pensamento tem de dirigir-se a um outro" (CP 5.253), o processo contínuo de semiose (ou pensamento) só pode ser "interrompido, mas nunca realmente finalizado" (CP 5.284). A idéia da semiose ilimitada ocorre na forma de um diálogo permanente.

Não é sem razão que Nöth (1995, p. 68) afirma que "não é bem o signo, mas a semiose é que é o objeto de estudo da semiótica".

#### *Semiose:*

*É um processo de crescimento e de desenvolvimento de idéias. Descreve um processo lógico: o processo de ação de um signo de gerar e de se desenvolver num outro signo.*

## Classificação dos Signos

### Natureza Triádica do Signo:

*O signo tem uma natureza triádica, quer dizer, ele pode ser analisado:*

- em si mesmo, nas suas propriedades internas, no seu poder para significar, ou seja, numa relação com o próprio signo;
- na sua referência àquilo que ele indica, refere-se ou representa, ou seja, numa relação com seu objeto; e
- nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, isto é, nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de despertar nos seus usuários, ou seja, numa relação com seu interpretante.

Pelo que podemos perceber, o conceito de signo refere-se mais a uma função do que a uma coisa determinada. Considerando as possibilidades de combinar primeiridade, secundidade e terceiridade, Peirce chegou a propor a existência de dez tricotomias, isto é, 10 divisões triádicas (três a três), que, combinadas, resultam em 66 classes de signos e a possibilidade lógica de 59.049 tipos de signos. No entanto, apenas três tricotomias e dez classes principais de signos foram mais exploradas e, por isso mesmo, são as mais conhecidas. Elas são inicialmente consideradas suficientes para nos habilitar para a leitura de todo e qualquer processo sgnico.

Fazendo uma correlação entre as categorias peirceanas e a divisão de signos proposta por Peirce, vamos verificar que a primeiridade, que recobre o nível do sensível e do qualitativo, abrange três tipos de signos: o quali-signo, o ícone e o rema. A secundidade, que diz respeito ao nível da experiência, da coisa ou do evento, abrange o sin-signo, o índice e o dicente. E a terceiridade, que se refere à mente, ao pensamento, à razão, abrange o legi-signo, o símbolo e o argumento. É bom destacar que um mesmo signo pode, simultaneamente, participar de mais de uma tricotomia.

Esquemáticamente, a divisão dos signos pode ser vista assim:

Categorias	Signo em relação a si mesmo	Signo em relação ao seu objeto	Signo em relação ao seu interpretante
Primeiridade	Quali-signo	Ícone	Rema
Secundidade	Sin-signo	Índice	Dicente
Terceiridade	Legi-signo	Símbolo	Argumento

Primeira Tricotomia – Diz respeito ao signo considerado em relação a si próprio. Esta recobre três espécies de signos: Quali-signo, Sin-signo, Legi-signo. Ou seja: “o signo em si mesmo será uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral” (CP 2.243).

Quali-Signo – Entende-se por quali-signo uma qualidade que é um signo. O quali-signo não pode, na verdade, atuar como signo, enquanto não se corporificar (CP 2.244). Como exemplo, podemos tomar uma cor qualquer, como a cor azul, somente a cor sem estar incorporada em nenhum objeto.

Sin-signo – Tão logo um signo se corporifica, ele passa a pertencer à classe da secundidade, do “existente concreto”. Os signos dessa classe são denominados sin-signos. O sin inicial de sin-signo revela que se trata de uma coisa ou evento singular, no sentido de “uma única vez”. Um sin-signo só pode existir por meio da qualidade, razão pela qual ele envolve um ou vários quali-signos.

Legi-signo – Na terceira classe dos signos, temos os legi-signos. Um legi-signo é uma lei que é um signo [...]. Todo signo convencional é um legi-signo. Não é um objeto singular, mas um tipo geral sobre o qual há uma concordância de que seja significante (CP 2.246). Assim, cada palavra de uma língua é um legi-signo, mas, quando articulada numa frase particular, pode também aparecer como sin-signo. Peirce entende tais sin-signos, que são ocorrências de legi-signos, como “réplicas”.

Segunda Tricotomia – Descreve os signos sob o ponto de vista das relações entre o signo e o objeto. Os signos relacionam-se com

seus objetos de três maneiras (física, por semelhança ou por convenção), que definem três tipos de signos, segundo a classificação de Peirce: ícone, quando a relação do signo com o objeto é de semelhança; índice, quando a relação do signo com o objeto é direta, e símbolo, quando a relação do signo com o objeto é convencional.

**Exemplos de ícone:**

*Desenho, charge, caricatura, fotografia, mapa, diagrama, estátua, escultura, esquema, gráfico da inflação, miniatura etc. (PEREIRA, 2001, p. 53).*

Ícone – É o signo que apresenta uma relação de semelhança ou analogia com o objeto representado. Neste caso, o signo e o objeto podem estar até muito afastados um do outro. O signo no Brasil (a foto de um amigo turista) e o objeto/referente no Japão (o próprio turista passeando), mas reconhece-se imediatamente o objeto/referente pela semelhança que o signo tem com ele. Ícones são, então, em primeiro lugar, as imagens de uma maneira geral, tudo o que é figurativo. O ícone participa da primeiridade por ser “um signo cuja qualidade significante provém de sua qualidade” (CP 2.92). Os ícones comunicam de forma imediata, porque são imediatamente percebidos.

**Exemplos de índice:**

*Cata-vento, uma fita métrica, o ato de bater na porta, um dedo indicador apontando numa direção, um grito de socorro, uma fotografia, uma flecha, um sintoma, um ponteiro de relógio etc.*

Índice – É o signo que representa seu objeto em virtude de uma conexão real com ele. O signo mantém uma relação direta com o seu objeto/referente, ele é diretamente afetado pelo seu objeto. Estão próximos um do outro, em relação direta, física, imediata, de maneira que o signo indica o objeto, aponta para ele. É o caso, por exemplo, da cinza no cinzeiro indicando que alguém fumou. Ou do chão molhado, indício de que choveu. Ou, ainda, pegadas, indício de passagem de animal ou pessoa. Ou a fumaça, signo indicial de fogo. Um campo molhado como índice de que choveu. Uma seta colocada num cruzamento como índice do caminho a seguir.

O índice participa da categoria da secundidade, porque é um signo que estabelece relações diádicas entre signo e objeto. No entanto, como o signo inicial tem alguma qualidade em comum com o objeto, ele não deixa, assim, de ser um tipo de ícone.

Os “índices também existem na linguagem. Nomes próprios e pronomes pessoais são índices porque se referem a indivíduos particulares. Outros pronomes, artigos e preposições são índices verbais porque estabelecem relações entre palavras dentro de um texto” (NÔTH, 1995, p. 85).

Símbolo – É o signo participante da categoria da terceiridade que se refere a seu objeto por força de uma lei ou convenção. No caso dos símbolos, a relação entre o signo e o objeto é meramente convencional, às vezes, arbitrária, imposta pela sociedade. Convencionou-se que tal signo representa tal objeto, sem lógica ou explicação aparente, e as pessoas simplesmente aceitam e aprendem, como o signo verbal mesa, o sinal de + ou a fórmula  $H_2O$  (PEREIRA, 2001, p. 55).

Na definição de Peirce, “um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota, em virtude de uma lei, normalmente uma associação de idéias gerais” (CP 2.449). Cada símbolo é, portanto e ao mesmo tempo, um legi-signo: “Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos” (CP 2.292).

Um mesmo signo pode ser considerado sob vários aspectos e submetido a diversas classificações. Cada palavra é, em primeiro lugar, símbolo, pelos aspectos da arbitrariedade e do convencionalismo. Entretanto, algumas palavras são, ao mesmo tempo, índices, uma vez que estabelecem relações diádicas, como é o caso dos pronomes. Outras palavras, como é o caso das onomatopéias, são símbolos e ícones ao mesmo tempo, por representarem, na

**Relações Diádicas:**

*Relações que se estabelecem entre dois elementos.*

**Exemplos de símbolos:**

*Todas as palavras (faladas ou escritas) de uma língua, os números, os símbolos matemáticos, os símbolos químicos, os gestos convencionais, as bandeiras (do país, estado, cidade), as marcas das empresas e dos produtos, os caracteres do teclado do computador, a cor verde como símbolo de esperança, a cor preta como símbolo de luto, a cor branca ou a pomba como símbolo de paz.*

pronúncia, o som natural das coisas, como por exemplo: murmúrio, ping-pong (NÖTH, 1995, p. 86).

Terceira Tricotomia – Considera o signo do ponto de vista da relação entre signo e interpretante. Nesse caso, o signo pode ser um rema, um dicente ou um argumento.

Rema – Rema vem do grego *rhéma*, que significa simplesmente “palavra”. As palavras enunciadas isoladamente são incapazes de serem certificadas. Como ainda não participa de afirmações, o rema é “um signo de possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representando esta e aquela espécie de objeto possível” (CP 2.250). Ou, ainda, continuando com Peirce: “Qualquer signo que não é verdadeiro nem falso, como quase cada palavra por si, exceto sim e não” (CP 8.337).

Sintetizando: um rema é um signo que, para seu interpretante, funciona como signo de uma mera possibilidade que pode ou não se verificar. Uma palavra isolada, como vermelho pode funcionar como rema.

Dicente – É um signo de fato. “Um signo de existência real” (CP 2.251) ou um “signo que veicula informação” (CP 2.309). Corresponde a um enunciado e envolve remas na descrição do fato. Um sintagma como “este vermelho está manchado” pode funcionar como um signo dicente.

Argumento – É “o signo de uma lei”, signo de razão, corresponde a um juízo. Um silogismo do tipo “A é B, B é C, portanto, A é C” é um exemplo de argumento.

**Silogismo:**

Sistema de raciocínio formulado por Aristóteles.

A forma clássica do silogismo abrange duas proposições denominadas premissas, com um termo médio comum, e uma conclusão que forçosamente decorre das duas primeiras.

Enquanto, por um lado, o rema representa seu objeto simplesmente em seus caracteres e o dicente representa seu objeto em referência à existência concreta, o argumento, por outro lado, representa o seu objeto em caráter de signo.

Quando combinadas, as três tricotomias que acabamos de ver vão produzir uma segunda divisão dos signos que comporta dez classes distintas de signos, assim explicadas por Teixeira Coelho (1990, p. 63):

- 1) Quali-signo icônico remático – o quali-signo é uma qualidade que é um signo, tal como a sensação de “vermelho”. Sendo uma qualidade, só pode significar um objeto tendo com este alguma semelhança, portanto, é um ícone. Considerando que uma qualidade é uma mera possibilidade lógica, ela só pode ser interpretada como rema. Daí a classe do quali-signo icônico remático.
- 2) Sin-signo icônico remático – é um objeto real e particular, que, pelas suas próprias qualidades, evoca a idéia de um outro objeto. Ex. diagrama dos circuitos eletrônicos numa máquina particular. Tendo semelhança com o objeto, é um ícone e é interpretado por meio de um rema.
- 3) Sin-signo indicial remático – dirige a atenção a um objeto determinado pela sua própria presença. Ex: grito espontâneo como signo de dor.
- 4) Sin-signo indicial dicente – é também um signo afetado diretamente pelo seu objeto – o que faz com que ele seja um índice -, mas, além disso, é capaz de dar informações sobre esse objeto. Só dá informações sobre fatos concretos e reais. É uma classe em que se combinam dois tipos de signos: um signo icônico, para materializar a informação, e um sin-signo indicial remático, para indicar o objeto. Ex. um cata-vento, uma foto.

- 5) Legi-signo icônico remático – é um ícone interpretado como lei ou convenção, que se apresenta como signo de algo. Ex: um diagrama geral num manual de engenharia eletrônica, ou seja, não ligado a alguma coisa em particular.
- 6) Legi-signo indicial remático – é uma lei geral “que requer que cada um de seus casos seja realmente afetado por seu objeto, de tal modo que simplesmente atraia a atenção para esse objeto” (CP 2.259). Ex: pronome demonstrativo.
- 7) Legi-signo indicial dicente – é uma lei geral afetada por um objeto real, de tal modo que forneça informação definida a respeito desse objeto. Ex: uma placa de trânsito. Trata-se de uma convenção, que indica uma coisa concreta e localizada.
- 8) Legi-signo simbólico remático – é um signo convencional que ainda não tem o caráter de uma proposição. Como este símbolo é do tipo geral, é um legi-signo; é remático por fazer parte de um enunciado maior. Ex: qualquer palavra do dicionário.
- 9) Legi-signo simbólico dicente – signo que representa seu objeto mediante uma convenção, que é interpretado sob a forma de um enunciado. Combina signos remáticos em uma proposição, sendo, portanto, qualquer proposição completa. Ex: Qualquer proposição do tipo “A é B”.
- 10) Legi-signo simbólico argumental – é o signo do discurso racional. Representa seu objeto por meio de leis de um silogismo ou das leis segundo as quais a passagem de certas premissas para certas conclusões tende a ser verdadeira. Ex: todo argumento do tipo “A é B, B é C, portanto, A é C”.

## Nível dos Signos

Vimos que os signos relacionam-se com seus objetos de três maneiras: por semelhança (ícone), diretamente (índice) e por convenção (símbolo). Mas os próprios signos relacionam-se entre si, e são essas relações que criam as mensagens e formam os códigos da comunicação.

Segundo o semiótico norte-americano Charles Morris (1901-1979), fundamentado na semiótica peirceana, um processo sócio-semiótico pode ser estudado em três níveis, que definem as grandes divisões da semiótica:

- 1) Sintático: que estuda os signos em suas relações com outros signos, quando se refere às relações formais dos signos entre si.
- 2) Semântico: que estuda os signos em suas relações com os objetos/referentes, quando envolve as relações de significado entre signo e objeto/referente.
- 3) Pragmático: que estuda os signos em suas relações com os intérpretes ou usuários. É o nível que implica as relações significativas com o intérprete, ou seja, com aquele que utiliza os signos.

No nível sintático, eles são estudados de uma maneira puramente formal, em função das regras abstratas que regem suas articulações (gramática); no nível semântico são estudados em função daquilo que designam, a quem fazem referência, sejam coisas, acontecimentos, relações etc. No nível pragmático, estudam-se os signos em função do seu uso na vida real; incluindo os aspectos psicológicos e as conseqüências práticas das mensagens – é nesse nível que se situa a comunicação (PEREIRA, 2001, p. 63).

## Modelos Comunicativos

Mauro Wolf, descrevendo os modelos comunicativos encontrados na Teoria da Comunicação, destaca dois modelos – o semiótico-informacional e o semiótico-textual – elaborados por Umberto Eco e Paolo Fabbri.

### Modelo Semiótico-Informacional

O modelo semiótico-informacional trata da apreensão do fenômeno comunicativo como um processo de transmissão linear vinculado ao funcionamento dos fatores semânticos introduzidos mediante o conceito de código. A informação não seria mais transmitida de um emissor para um receptor, mas transformada de um sistema para outro, por intermédio de código.

Tal esquema representa a transposição para o plano da sistematização do processo comunicativo, a centralidade do processo de significação como especificidade da comunicação.

### Modelo Semiótico-Textual

O modelo semiótico-textual apresenta-se como uma contribuição mais aberta da semiótica, rejeitando a idéia de linearidade e propondo a noção de rede textual. É um modelo que vai além da simples noção de codificação-decodificação para apreender a assimetria dos papéis de emissor e receptor, e a natureza do que é recebido pelo público: não mensagens individualizadas, mas conjuntos de práticas

textuais. A codificação acaba sendo influenciada pelas condições da decodificação.

Para os emissores da comunicação de massa, junto com o conhecimento dos códigos funciona também a competência textual orientada para o valor (sucesso) dos precedentes, para receitas e fórmulas confirmadas: o texto já consumido ou já produzido é um critério comunicativo “forte”, já que a competência interpretativa dos destinatários articula-se principalmente em função dos textos já consumidos.

Nestes textos, são acentuados os aspectos que se referem ao destinatário “modelo” (imaginado ou previsto pelo emissor), em segundo lugar, os elementos de conhecimento partilhado pressupostos pelo texto e, finalmente, o caráter quase normativo das condições de aceitabilidade dos próprios textos, estabelecidas pela sua inserção em formatos rígidos.

Essas são algumas das possibilidades no estudo das mensagens. As tendências mais recentes buscam, nas mensagens, elementos do processo comunicativo, na investigação do processo de significação desencadeado pelo material simbólico veiculado pelos meios de comunicação de massa.

#### *Análise de Discurso:*

*Técnica de pesquisa que tem como proposta básica o estudo da relação entre a linguagem e o ambiente social, ou seja, as condições de produção que determinam o discurso. Entre as condições de produção do discurso estão os contextos da comunicação, as condições reais do falante, as condições reais do ouvinte, a representação que o falante faz de si mesmo, a representação que o falante faz do ouvinte, entre outras.*